

TRAJES AFRO-BRASILEIROS, ROUPAGENS DE UMA MEMÓRIA: APRESENTAÇÃO

Guilherme Dantas Nogueira¹

DOI: 10.26512/revistacalundu.v7i1.49597

Este é um dossiê que conta uma história sobre resistências, sobre aparências, sobre percepções e autorretratos, sobre moda e sobre comunicação. Sobre ver e, sobretudo, sobre ser(mos) vistas/os/es. Conta uma história de uma indumentária que cobre o corpo que é a própria história; que, falando de identidade, é “lembança da memória”, como não nos deixa esquecer Jorge Aragão (1992)². Ademais, conta uma história (mais uma...) sobre coletividade, (re)existência conjunta e (re)construção coletiva. O dossiê trata da moda afroreligiosa, que transcende os terreiros e dá roupagem à própria diáspora, uma vez que segue viva e potente, imiscuída no superlativo, que dá título a este número da Revista Calundu, *Trajes Afro-Brasileiros*.

Com todas as suas cores, várias fotos e textos imagéticos, e com uma linda capa, assinada pelo talentoso Marcel Marques³, o dossiê ilustra a si mesmo. Cabe-nos, não obstante, dar ênfase à sua construção, que tal qual a história negra no Brasil, tenazmente viva em toda a nossa afroreligiosidade, também foi/é uma construção coletiva.

Trajes Afro-Brasileiros nasceu de um diálogo, entretido pelo grupo de pesquisa Fayola Odara⁴, da Universidade de São Paulo (USP), e pelo Grupo Calundu. Essa conversa se deu – ou vem se dando – desde os Estados Unidos, mais especificamente de um encontro no campus da Universidade de Harvard, durante a Segunda Conferência Continental em Estudos Afro-Latino-Americanos, realizada pelo Instituto de Pesquisas Afro-Latino-Americanas daquela instituição. Integrantes dos dois grupos participaram dessa Conferência e tiveram a oportunidade de assistir suas apresentações de trabalhos, o

¹ Doutor em Sociologia. Integrante do Calundu – Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-brasileiras. Pesquisador do Instituto de Pesquisas Afro-Latino-Americanas da Universidade de Harvard. e-mail: gdantasnogueira@fas.harvard.edu.

² ARAGÃO, Jorge. Identidade. Rio de Janeiro: Som Livre, 1992. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ej7wAVoYGgQ>. Acesso em: 03/07/2023.

³ Pesquisador, Fayola Odara - Grupo de Pesquisas Estéticas e Culturais Africanas e Afro Diaspóricas da USP (CNPq)

⁴ O grupo é composto por Aymê Okasaki, Beatrice Rossoti, Eliany Funari, Eduarda Andreazzi, Marcel Marques, Roberto Santos e Georgia Prado. É coordenado pela professora doutora Marina de Mello e Souza. Pesquisa memórias, religiosidades e festejos na diáspora africana no Brasil, a partir das visualidades apresentadas nas vestimentas, trajes e indumentárias negras distribuídas e utilizadas em diversas manifestações populares e religiosas.

que foi o suficiente para abrir o profícuo diálogo que traz este número da Revista Calundu como um de seus produtos.

Lembranças de várias memórias, os trajes utilizados nas Umbandas, nos Candomblés, nos Batuques, nos Xangôs, nos Tambores, nas Juremas e, historicamente, em tantas outras das religiões afro-brasileiras, referem-se, mais do que a locais específicos, a construções históricas amplas. Divindades incorporadas são adornadas por várias razões, como os textos aqui publicados nos ajudam a pensar. Sobre todas, talvez nos caiba destacar a coragem e a fé do povo negro violentado e subalternizado no Brasil, que ainda assim segue oferecendo às suas santas e santos toda a beleza possível. Nossas deusas e nossos deuses dançam, abençoam, brilham e reluzem vida. Toda a vida que a colonização, a colonialidade e toda a crueldade de sua construção nos insistem em negar.

O colorido do presente dossiê nos lembra, não obstante, que estratégias de comunicação e reprodução do nosso sagrado sempre foram mantidas vivas, em nossos rituais. Com efeito, há uma linguagem ritual por detrás do bailar de cada inquice, orixá e vodum, sustentando o molejo de cada sambadeira, desfilando o encanto de cada divindade ou entidade e nos ensinando, em narrativas míticas, um pouco do nosso próprio devir coletivo. Os trajes afro-brasileiros adornam esse devir, colorem e mantêm seus fundamentos pulsantes.

Foi em respeito e admiração pela potência desses trajes, ademais, pelo respeito e valorização de sua cuidadosa pesquisa, que o Calundu convidou o Fayola Odara a organizar o presente dossiê. Este foi construído ao longo de pouco mais de 6 meses de muitas trocas, que são só o começo de (assim esperamos) uma duradoura parceria acadêmica. O número traz, como resultado, duas seções de textos, formadas por artigos acadêmicos (a primeira) e entrevistas (a segunda), escritos por integrantes do próprio Fayola Odara, também selecionados a partir do recebimento de trabalhos em fluxo contínuo, característico da Revista Calundu.

Os temas tratados nos artigos e entrevistas são aqueles da afrorreligiosidade brasileira, que embasam a produção apresentada em todos os dossiês desta revista. As reflexões dos textos transcendem, todavia, o espaço mais especificamente religioso dos terreiros, reafirmando-nos o que o filósofo Wanderson Flor do Nascimento (2016)⁵ já havia nos ensinado, que religiões afro-brasileiras são modos de vida, organizados a partir

⁵ NASCIMENTO, Wanderson Flor. Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. *Ensaio Filosóficos, Volume XIII*. Agosto, 2016.

dos terreiros⁶. Estes, *loci* de vivência e resistência das mães e pais de santo e suas famílias sagradas, e de toda a potência da vida afro-brasileira, que não se circunscreve apenas a seus muros, mas pede benção e licença à sua memória.

Filho dessa história que também sou, peço a bênção às minhas mais velhas, aos meus mais velhos e agradeço por seus ensinamentos. Reconheço o valor das cores, dos adornos e dos trajes de nossa memória. E cumprimento ao Fayola Odara, pelo lindo trabalho na produção e seleção dos textos deste dossiê.

Boston e Brasília, 03 de julho de 2023.

⁶ Saliento o fato de que o autor fala, em seu texto, apenas sobre Candomblés. Todavia, podemos considerar que sua argumentação vale para as demais religiões afro-brasileiras e considerar a todas como modos de vida.